

SABERES E PRÁTICA PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA DA ESCOLA DE APLICAÇÃO – CAMPINA GRANDE/PB

Carla Priscila Gonçalves Cesário - Graduanda/UEPB

Érika Barbosa Santos – Graduanda / UEPB

Nívia Kaliana da Silva Costa - Graduanda/ UEPB

RESUMO

O presente artigo tem como proposta mostrar os relatos de experiências obtidas através da prática pedagógica de oficinas em turmas de 3º ano da Escola Estadual de Aplicação - Campina Grande/PB. Foram realizados oficinas nos meses de Março e Abril de 2012 intituladas de Literatura Infantil: contação de história, e Cultura Indígena e Histórias em Quadrinhos. A proposta da oficina de Literatura Infantil é enfatizar a literatura como prática pedagógica de incentivo à leitura, a escrita e à utilização significativa da biblioteca da escola. Para tanto foi selecionado o livro A festa no céu de Ângela Lagos em que foi desenvolvida uma oficina de conto e reconto. No que se refere a oficina de Histórias em Quadrinhos e Cultura Indígena o objetivo da mesma foi de fazer uma relação das HQ's com a cultura indígena.

Palavras-chave: Literatura infantil. Histórias em Quadrinhos. Cultura indígena.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência ocorrida através de oficinas pedagógicas vivenciadas com as turmas de 3º ano “A” e “B” do ensino fundamental I do turno da tarde da Escola Estadual de Aplicação, localizada em Campina Grande - PB.

Nossa proposta é discutir a partir das experiências com oficinas pedagógicas realizadas durante a vigência de um estágio sobre a importância das práticas de leitura e escrita na escola. Com base no enfoque teórico-metodológico que nos deu suporte, mostraremos a dimensão educativa das oficinas pedagógicas no incentivo a leitura e escrita no espaço escolar. Nos embasamos estudos de FERREIRA (2001), KOCH (2009), ROJO (2004) e OLIVEIRA (2010), fundamentaram nossas leituras e discussões.

A metodologia utilizada se deu por meio de encontros de grupos de estudos realizados na universidade com embasamento teórico em textos de leitura e escrita e também planejamento pedagógico para a aplicabilidade das oficinas na escola. As etapas seguintes foram acompanhadas de visitas a escola para a aplicação de questionários com as professoras e alunos das turmas selecionadas.

Os questionários tratavam de perguntas referentes ao uso da leitura e escrita no cotidiano da criança, dentro e fora do ambiente escolar, tal como sua importância e prazer as referidas práticas. Com base nas análises feitas a partir dos questionários aplicados, foi possível fazer o planejamento das oficinas pedagógicas, as quais foram enfatizados entre os alunos e alunas sujeitos de nossa pesquisa, a preferência pela literatura infantil, contação de histórias, musicalidade e as histórias em quadrinhos. As temáticas das oficinas foram agrupadas em duas etapas, sendo a primeira com a proposta de trabalhar a musicalidade, a contação de história e a literatura infantil, a partir do conto “*A festa no céu*” de Ângela Lago. As descrições da mesma compõem o corpo deste relatório.

No segundo momento, relacionamos as histórias em quadrinhos, temática mais abordada nos questionários respondidos pelas crianças, com a cultura indígena. A conclusão das atividades pedagógicas da experiência se deu com encontros com a orientadora do mesmo para elaboração do relatório final deste, contendo suas contribuições e resultados obtidos durante todo o período.

Finalizamos então com as considerações alcançadas a partir da atuação da

experiência e da relação desta com as teorias estudadas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma das questões que se torna desafiadora no contexto da escola e do aprendizado escolar atualmente é possibilitar o aprendizado da leitura na escola. No que se refere aos anos iniciais, essa questão se alarga, tendo em vista que as crianças desde o 1º ao 5º do ensino fundamental ainda apresentam problemas de leitura e escrita, ou seja, as práticas de leitura e de escrita nesta fase do ensino, assim como as demais etapas de modalidade de ensino da educação básica, se tornam fundamental.

Entretanto a leitura e a escrita nos anos iniciais, são elementos essenciais do aprendizado da criança, pois se a criança não consegue desenvolver a prática leitora, ela vai ter dificuldades na interpretação de texto e de compreensão do mesmo, por sua vez, esta dificuldade vai repercutir na produção da sua escrita. Desde modo, partindo da proposta deste trabalho, pretendemos nesse item, discutir com base nos autores que nos referenciamos em suas matrizes teóricas, de que maneira estes abordam acerca da prática leitora e da produção da escrita. A leitura de textos literários em sala de aula constitui-se, geralmente, em atividade mecânica, cujo procedimento, veiculado e difundido pelo livro didático, em linhas gerais, tem sido: leitura silenciosa, leitura oral e respostas a perguntas sobre o conteúdo do texto (FERREIRA, 2001).

No objetivo de desenvolver uma prática de intervenção às atividades mecanizadas desenvolvidas nas escolas dos anos iniciais, enfatizamos o significado e importância, enquanto ação pedagógica no incentivo à leitura e escrita do uso de práticas educativas e culturais no contexto da escola, colaborando assim num fazer educacional, desenvolvido através de ações para a formação dos sujeitos leitores na escola.

A importância da oralidade associada à leitura e a escrita dar-se a partir do desenvolvimento das competências do aluno. No ato de ler e escrever, a oralidade apresenta-se como elemento essencial na articulação das práticas de leitura e escrita. Em nossos dias, percebemos que as práticas de leitura ainda não estão bem difundidas pela escola, cabendo na maioria das vezes, as elites, o hábito e o desenvolvimento da prática de leitura. Conforme afirma Rojo (2004):

A escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva a formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. Ler continua

sendo coisa das elites, no início de um novo milênio (ROJO, 2004).

Desta forma, fica à escola, a responsabilidade de promover um ensino democrático quanto às práticas de leitura, produzindo assim, leitores proficientes em articulação com a produção da escrita contribuindo assim no desenvolvimento das habilidades de leitura entre os alunos do ensino fundamental. É, portanto, na escrita que o professor tem possibilidade de compreender como alunos/as de uma sala se posicionam e pensam a partir do que escrevem e da forma como escrevem, daí que o incentivo as práticas de escrita na sala de aula faz parte do fazer docente, mas que isso, é significativo no desenvolvimento cognitivo de alunos/as, pois este ao lêem o que está no texto, criam através da ação escrita outra leitura do que fizeram a partir desta ação.

A escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e a seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2010, p.70).

Deste modo, escrever é uma forma de atuar no mundo, e, portanto, uma prática que deve ser propiciada a partir da ambiente escolar de modo a permitir aos sujeitos educativos desde mais cedo ter um posicionamento com relação a sua forma de ver e ler o mundo através da escrita, pois ela “sempre dependera de um leitor para que haja interação entre o texto e o leitor” (KOCH, 2009).

A partir da aplicabilidade das oficinas ministradas com as crianças do 3º ano do ensino fundamental I, foi possível fazer significantes observações; a primeira delas foi a interação promovida entre as crianças em desenvolver práticas de leitura de uma forma diferente das já conhecidas em seu cotidiano escolar. Ações como contação de história e dramatização de histórias levaram as crianças a não apenas ler ou ouvir, mas também a serem participantes das atividades propostas.

Ao solicitar depois de ouvirem a história “*A festa no céu*” de Ângela Lago e também a música “*A tartaruginha*”, as crianças fizessem uma pequena encenação das personagens do conto, pudemos perceber a quebra da timidez por parte de algumas crianças. A proposta da encenação após ouvira conto, levou essas crianças a buscarem mais informações acerca de seus personagens para que na hora, estivessem seguras do que iriam falar.

No segundo momento de atuação do estágio, ministramos uma oficina de educação indígena associada ao uso das histórias em quadrinhos. Ao escolhermos o personagem Papa Capim, de Mauricio de Souza, os alunos demonstraram disposição em participar das discussões propostas. A tira da historinha selecionada mostrava a diferença entre a relação dos povos indígenas com não indígenas, enfatizando a visão do primeiro com relação a sua articulação com o meio ambiente. A partir da realização desta oficina podemos perceber por parte das crianças, a compreensão de que, nos também fazemos parte da natureza, e quando a destruímos, destruímos a nós mesmo. Sendo assim, a relação do grupo étnico indígena com a mesma pode ser chamada de harmônica e podemos torná-la como exemplo no desenvolvimento de práticas de conservação da natureza em nossas vidas cotidianas.

Acreditamos então que as práticas desenvolvidas promoveram nas crianças uma maior interação e familiaridade com a leitura e que estas devem ser continuadas não apenas pelos os professores e comunidade escolar, mas por parte toda a sociedade.

As etapas realizadas durante a oficina seguiram os seguintes momentos de sequencia didática: distribuição e leitura da tira com a turma; reprodução da tira no quadro em tamanho expandido; detalhamento das imagens; discussão dos conteúdos abordados nos quadrinhos; aula de desenho da personagem indígena utilizada. Ao descrevermos a tira, observamos primeiramente que, o autor da mesma faz uma visão do indígena sobre o homem branco, (chamado de caraíba). Diferentemente do que costumamos ver nos livros didáticos ao nos depararmos com a visão do europeu sobre o indígena. Essa afirmação fica visível quando Papa Capim compara as palavras *m'boi* e *jaci* com suas respectivas traduções da língua portuguesa por cobra e lua.

O comentário realizado foi o da importância de não nos referirmos ao outro somente pela nossa perspectiva e opinião. É importante compreendermos que não é pela cultura do outro ser diferente da nossa que ela passa a ser inferior. A partir das colocações feitas até então, diversas dúvidas expostas pelas crianças foram sendo expostas acerca dos povos indígena hoje; como ele vive, onde mora e se ainda existem comunidades indígenas no Brasil.

As dúvidas das crianças nos proporcionaram uma relevante discussão onde pudemos compreender que ainda existem sim, diversos grupos étnicos indígenas vivendo com sua cultura, resistindo e lutando pela ressignificação de sua cultura, de seus direitos e de sua história, no entanto, essa afirmação jamais pode ser generalizada pelo fato de algumas comunidades indígenas estarem hoje, adaptadas ao convívio social

da vida urbana, inclusive a partir da culminância de ingressos de homens e mulheres indígenas em universidades, em cursos inclusive que tem proposta de trabalhar na perspectiva da interculturalidade, ressaltando o diálogo entre os povos indígenas e outras culturas não indígenas, buscando, sobretudo seus direitos territoriais.

A historinha em quadrinhos finaliza com o questionamento de Kava, personagem secundário da turma do Papa Capim, sobre como os caraíbas chamam a paisagem a qual eles estavam vendo.

A imagem retrata a derrubada de árvores realizada pelo homem branco na busca de suprir desejos e necessidades financeiras a partir dos elementos naturais como o citado na tira: as árvores. Papa Capim, com olhar desapontado, responde ao pequeno curumim que isso é chamado pelo homem branco de progresso. A tira utilizada foi a seguinte:



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7525

Discutimos então sobre a comparação do uso e retirada dos elementos da natureza tanto pelo indígena como pelo homem branco e partir de então, como se estabelece a relação entre homem e natureza nas respectivas sociedades. Ficou claro demonstrar que a relação do indígena com a natureza pode ser chamada harmônica, pois mesmo o nativo sobrevivendo da natureza, ele só retira do mesmo o que ele precisa, tal como construir seu habitat em consonância com a mesma, dando a natureza, o tempo necessário para sua própria reposição de seus recursos como plantas, árvores e animais.

No entanto, em contra partida a essa afirmação, percebemos que a nossa sociedade tem-se desenvolvido “progredido” sobre a inconstante devastação de nossos recursos naturais através de um uso desenfreado e destrutivo dos recursos da fauna e flora da natureza. O problema da humanidade estaria então, na falta de entendimento do

ser humano de que também somos natureza e quando destruimos algum recurso natural, estamos nos destruindo.

Ao identificarmos todos esses relevantes aspectos de relação do indígena com a natureza propomos então que esse tipo de relação deve também acontecer em nosso cotidiano e que ao nos posicionarmos como parte integrante da natureza, compreendemos com maior evidência, a importância da mesma em nossas vidas.

Finalizamos a oficina com a prática de como desenhar um personagem indígena, a partir das considerações feitas durante a aula. As crianças da turma foram então, instruídas acerca de técnicas básicas e fundamentais do desenho com estrutura do corpo humano, esboço, sombreamento e características das personagens. Os resultados foram satisfatórios ao observarmos o interesse e a participação de alunos e alunas em todo o decorrer das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as ações pedagógicas desenvolvidas durante a atuação do estágio, é possível compreender que o mesmo ainda não está por concluído, pois as práticas de leitura e escrita compreendem um amplo e contínuo processo no desenvolvimento de habilidades que favoreçam as crianças a comunicação e na socialização entre os indivíduos da sociedade a qual estão inseridos.

A nossa experiência visou não apenas contribuir para a prática da leitura e escrita no cotidiano das crianças contempladas pelo estágio, mas também, interliga essas práticas com as experiências e contribuições da professora da turma e dos próprios estudantes ministrantes do mesmo, sendo estes, representados pela Universidade Estadual da Paraíba.

Espera-se então que, a partir das intervenções que foram realizadas como a aplicação de questionários, observação da turma, planejamento e aplicação de oficinas, os/as alunos/as acrescentem em sua prática cotidiana, a leitura e a escrita de uma forma mais significativa.

REFERÊNCIA

FERREIRA, Liliana Soares. **Contribuições da hermenêutica: sentido, interpretação e compreensão.** IN: Produção de leitura na escola: a interpretação do texto literário nas series iniciais. – Ijuí: Ed. Unijui, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2009.

ROJO, Rejane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **A evolução da escrita na criança.** In: **Vygotsky L.:** Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2010.